

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Tales Augusto Felipe

**DO “CARIOCA ERA UM RIO” AOS PROBLEMAS SOCIAIS URBANOS: O FILME
DOCUMENTÁRIO NA PROBLEMATIZAÇÃO DO DESCASO SOCIAL BRASILEIRO.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Carlos Francisco Perez Reyna.

Juiz de Fora
2016

DO “CARIOCA ERA UM RIO” AOS PROBLEMAS SOCIAIS URBANOS: O FILME DOCUMENTÁRIO NA PROBLEMATIZAÇÃO DO DESCASO SOCIAL BRASILEIRO

THE "CARIOCA WAS A RIVER" TO SOCIAL PROBLEMS URBAN: THE DOCUMENTARY FILM ON THE QUESTIONING OF THE BRAZILIAN SOCIAL NEGLECT.

Tales Augusto Felipe¹

RESUMO

Este artigo apresenta a importância do filme documentário como apoio em pesquisas e discursos acadêmicos, políticos e sócias. O filme documentário “*Carioca era um Rio*”, discute a história do rio que deu nome aos habitantes da cidade do Rio de Janeiro. O Rio Carioca é o tema principal do documentário, tornando-se tanto ciência quanto objeto de investigação. O mérito do artigo está em analisar sociologicamente alguns elementos de investigação que dão corpo à narrativa. Portanto serão discutidos problemas relacionados ao saneamento básico, a urbanização, a saúde e ao meio ambiente no contexto brasileiro.

Palavras Chaves: Sociologia – Filme documentário – Saneamento básico – Saúde – Urbanização – Meio ambiente – Cinema – Rio Carioca

ABSTRACT

This article presents the importance of documentary film as support for research and academic discourse, politicians and partners. The documentary film "Carioca was a River", discusses the history of the river that gave its name to the inhabitants of the city of Rio de Janeiro. The Carioca River is the main theme of the documentary, becoming both science and research object. The merit of the article is sociologically analyze some research elements that embody the narrative. So problems will be discussed related to basic sanitation, urbanization, health and the environment in the Brazilian context.

Keywords: Sociology - Documentary Film - Basic sanitation - Health - Urbanization - Environment – Cinema – Rio Carioca

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar problemas sociais relacionados ao saneamento básico, a urbanização, a saúde e o meio ambiente, a partir das reflexões feitas do filme documentário *Carioca era um Rio* (2012) do diretor Simplício Neto², levando em consideração o diálogo entre cinema e sociologia.

Tanto no passado como no presente, os problemas relacionados aos recursos hídricos são problemas eminentemente sociais, que atingem principalmente, as populações pobres sempre vulneráveis e vítimas a qualquer tipo de mudança. Segundo o Arquiteto e Urbanista Roberto Luís Monte-Mór (2006), as cidades brasileiras orientaram sua urbanização para o desenvolvimento da economia capitalista, mobilizando o suprimento da força de trabalho nas metrópoles. A inadequação deste processo resultou em problemas ambientais que atualmente ainda refletem na saúde da população, consequências do processo de urbanização e o crescimento industrial brasileiro.

Conforme a Socióloga Maria de Fátima Santos de Araújo (2007), o meio ambiente deixado em segundo plano pelo governo a partir da década de 1970, passa a ser preocupação, e o tema entra no campo dos estudos sociológicos, pois, pode ser aplicado na compreensão sobre o processo de saúde-

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: talesaugusto1@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Carlos Francisco Perez Reyna.

² Neto é roteirista documentarista, pesquisador de cinema e produtor de eventos culturais. É Bacharel em Ciências Sociais, Mestre e Doutorando em Comunicação pela UFF.

doença, resultante dos processos sociais. Nos anos 90, a temática ambiental passa a ser incorporada amplamente e efetivamente nos estudos relacionados à saúde coletiva.

A metodologia aplicada para analisar o *Carioca era um Rio*, parte da reflexão de três discursos apresentados por Neto em sua narrativa. O primeiro discurso analisado está relacionado às reflexões a respeito do saneamento básico, o segundo está relacionado com a urbanização e o terceiro relacionado à saúde e o meio ambiente. Como aparatos metodológicos, foi utilizada neste trabalho, uma vasta pesquisa teórica, utilizando livros, artigos, ensaios de diversos autores.

A partir desta metodologia aplicada, o artigo propõem sentido e reflexão. Com a incorporação do filme documentário, como objeto e análise em conjunto com as Ciências Sociais, onde tanto Marc Ferro quanto Pierre Sorlin, referências dos estudos da Sociologia do Cinema, argumenta sobre a importância dos filmes na produção e no suporte do conhecimento científico.

Portanto, o seguinte artigo é de grande relevância, pois levando em conta o diálogo entre sociologia e cinema, e o discurso que Neto propõe no *Carioca era um Rio*, leva tanto o espectador quanto as comunidades acadêmicas, políticas e sociais, a rediscutirem e/ou discutirem o tema.

2. EM TORNO DO FILME DOCUMENTÁRIO *CARIOCA ERA UM RIO*

O filme documentário do diretor Simplício Neto, *Carioca era um Rio*, lançado em 2012, é reconhecido e definido por alguns festivais pelas seguintes palavras, “cinematográfico-político-ecossocial”. Segundo as definições do historiador e teórico do cinema Bill Nichols (2005) os documentários, exercem um impacto no mundo histórico, mas para exercer este impacto, é preciso persuadir ou convencer. O cinema documentário, por fazer parte da tradição retórica na qual possui propósito estético e social, dá a capacidade aos cinéfilos, de verem questões oportunas que necessitam de atenção. Portanto, os documentaristas em suas visões colocam diante do espectador questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e passíveis de soluções, tendo ligação entre o mundo histórico e o documentário.

O roteiro do *Carioca era um Rio*, nasceu a partir de uma premiação do Concurso de Roteiros RioFilmes em 2008 e de uma co-produção entre a Maraberto, a Synapse e a Jurubeba Produções. O documentário foi premiado na 4ª Mostra Eco-falantes de Cinema ambiental em São Paulo e selecionado no Festival Internacional Cinema Planeta em 2014. No Brasil o documentário passou em diversos festivais como, RECINE o Festival Internacional de Cinema de Arquivo, Mostra Novos Rumos de Festival do Rio, Mostra Internacional do Filme Etnográfico e, Mostra do Filme Livre, todos em 2013. Em 2014 foi apresentado na CCBBs de Rio, São Paulo e Brasília.

Carioca era Um Rio foi exibido em diversos cineclubes, eventos acadêmicos e artísticos e de ativismo político. O documentário fomenta o debate atual a respeito da questão urbana, social e ambiental. A partir de análises feitas de filmes documentários como *Carioca era um Rio*, é permitido segundo o especialista em Comunicação Social, Eduardo Victório Morettin(2003)³ informar uma “realidade social”, informação documentária na mesma natureza da reportagem.

Cartaz de divulgação do documentário.



Fonte: Internet

³ MORETTIN, E.V. “O Cinema como fonte Histórica na Obra de Marc Ferro”.

Carioca era um Rio, enquadra na categoria de documentário do *tipo expositivo*. Segundo as definições de Nichols (2005), os documentaristas do tipo expositivo também vão a campo, como a antropologia e a sociologia, que tem como uma das determinações o trabalho de campo. O espectador espera que nos documentários expositivos, testemunhem o mundo histórico de maneira pela qual, ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente e não por alguém que observa discretamente. A entrevista é a forma mais pertinente do documentarista se dirigir formalmente aos *atores sociais* que aparecem no filme documentário. As entrevistas são utilizadas para juntar relatos diferentes de uma única história, representando questões sociais abrangentes de diferentes perspectivas. Compilações de imagens e filmes de arquivos são fundamentais para construção da história social no *tipo expositivo*. O documentarista dirige seu discurso ao espectador por comentário em *voz-over*. Para Nichols (2005), o *voz-over* no documentário é maneira de expressar um argumento ou perspectiva, e também está relacionada à construção da ideia de uma lógica informativa que orienta a organização do documentário.

As entrevistas são apresentadas e distribuídas em todo o filme documentário. Segundo Nichols (2005), as “pessoas” entrevistadas são tratadas como *atores sociais*; o que interessa para o documentarista seria a incorporação da vida destas pessoas, o comportamento e personalidade, de forma que os *atores sociais* continuem a levar suas vidas mais ou menos como fariam sem a presença da câmera.

A definição de *ator social* a ser utilizada neste artigo parte da reflexão do artigo “*Ator social e personagem e suas Implicações no Documentário*” (2011)⁴, escrito por João Nunes da Silva e Anderson de Souza Alves. Antes de conceituar *ator social*, os autores definem o conceito de *realidade* como, “[...] podemos considerar a realidade relacionada aos acontecimentos e ações que envolvem os indivíduos ou grupos na sociedade.” (SILVA e ALVES, 2011, p.1). Partindo desta ideia os autores argumentam que, o filme documentário por meio do mecanismo da linguagem cinematográfica, representa uma realidade para o espectador. Enquadra-se neste contexto de realidade cinematográfica, o *ator social*, com a função de proporcionar uma compreensão mais próxima possível do mundo histórico, ou seja, uma compreensão mais real do contexto que aquele *ator social* está inserido. Segundo os autores:

No caso dos documentários a história acontece a partir de atores sociais os quais representam a si próprios. Sua presença no filme os torna em personagens de si mesmo. Essa escolha dependerá muito das intenções da produção, pois, ao ser transformado em personagem o ator social atribui novos significados à sua própria história vivida. Essa é então uma das implicações presentes na relação ator social e personagem no documentário quando se trata de representação da realidade. (SILVA e ALVES, 2011, p.8, 9)

A subjetividade é fundamental para a análise e reflexão da realidade social, seja interpretada pelo documentarista no momento da produção do filme documentário, seja interpretada pelo espectador quando for assistido o mesmo.

Os fotogramas 1-2 mostram Neto, entrevistando alguns dos *atores sociais* que participam do discurso do *Carioca era um Rio*. O fotograma 1 corresponde a entrevista feita com Lucia Maria Costa, arquiteta e professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e o fotograma 2 corresponde a entrevista feita com o morador Jaci representante da comunidade dos Guararapes .



Fonte: Carioca era um Rio

⁴ Trabalho apresentado no GP Cinema do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Portando, a partir de entrevistas diretas com os *atores sociais* e os comentários de Neto em voz-over, o mesmo constrói a narrativa a respeito dos problemas de saneamento básico, no caso em específico o problema de saneamento em torno no Rio Carioca. Apesar dos problemas apresentados pelo *Carioca era um Rio*, serem analisados a partir de um rio em específico, os mesmos problemas que acontece no Rio Carioca, é os mesmos problemas que acontecem com outros rios brasileiros.

3. ANÁLISE DO CARIOCA ERA UM RIO

3.1 O saneamento básico no Carioca era um Rio

A primeira sequência a ser analisada no *Carioca era um Rio*, é analisado o discurso da entrevista feita por Neto com o Engenheiro Antônio Carlos Guedes que argumenta: “O rio representa de certa forma o que acontece na cidade, **o descaso com o saneamento, o descaso com a habitação, né, o que a gente vê nas favelas!**” (discurso transcrito do *Carioca era um Rio*, grifo meu). O discurso apresentando por este engenheiro, morador das redondezas onde se passa o Rio Carioca, é apresentado no começo do *Carioca era um Rio*. A partir deste momento Neto, apresenta para o espectador o problema social de saneamento básico e das enchentes que perpassa gerações.

Relacionando o discurso cinematográfico do *Carioca era um Rio*, com o contexto histórico brasileiro, segundo o Economista Manoel Carlos Duarte de Mello Justo (2004) no final da década de 1960, o sistema de saneamento básico brasileiro, se encontrava sob gestão das prefeituras, na maioria do país. O mesmo argumenta que com a ascensão do governo militar, as políticas governamentais, centralizaram suas ações no âmbito de poder Executivo Federal. O Plano Nacional de Saneamento (PLANASA), criado em 1968, visibilizou os capitais e as gestão do setor de saneamento, para as Companhias Estaduais de Saneamento (CESBS) recebessem as concessões dos serviços de saneamento, para que a expansão da indústria civil durante o regime militar fosse garantida. O autor argumenta:

[...] a constituição de 1967, em seu capítulo II, artigo 15, II,b, define a titularidade dos serviços de saneamento no âmbito municipal, o Governo Federal teve que elaborar uma estratégia [...]Esta estratégia baseou-se no estrangulamento financeiro, ou seja, na exclusão dos municípios do acesso às fontes de financiamento ao setor. O instrumento do PLANASA, que forçou os municípios a concederem seus serviços de saneamento às CESBS foi a proibição do acesso dos municípios aos recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). (JUSTO, 2004, p.2)

Conforme o autor, o modelo PLANASA desde o princípio, apresentava problemas. No final da década de 1970 até a 1986, o volume de recursos emprestados às CESBS era alto, mas decresceu de forma constante após 1991, devido a crise do modelo de acumulação vigente. O crescimento da inflação e a falência do Banco Nacional de Habitação (BNH) contribuíram com a crise.

Analisando os dados do IPEA (1995) Justo (2004), explica que o percentual de domicílios urbanos ligados às redes de água no período de 1970 até 1983 passou de 55% para 84%, com meta de 80%. No caso da coleta de esgoto neste mesmo período, passou de 22% para algo entre 35 a 40%, com meta de 50%. O mesmo menciona que a PLANASA teve sucesso em aumentar o abastecimento de água, mas pequena evolução na coleta de esgotos, onde que os estratos populacionais mais vulneráveis, não foram conectados ao sistema de abastecimento de água, por serem considerados com menor capacidade de pagamento, conseqüentemente, menos possibilidade de garantir o retorno do investimento.

Segundo o artigo “*Censo 2010: Uma leitura dos resultados sobre saneamento básico.*” escrito por Mario Viana Vettore e Gabriela de Almeida Lamarca (2012), argumenta que as deficiências no sistema de saneamento brasileiro, continuam diretamente relacionadas com as desigualdades regionais. O Sudeste possuem 82,3% dos domicílios com saneamento adequado, no Norte esta cobertura é de 22,4%. Estas diferenças afetam à população urbana e rural. O crescimento desorganizado e rápido do número de pessoas de áreas urbanas interfere na adequação do saneamento.

Para elucidar o discurso dos problemas de saneamento básico em torno do Rio Carioca, Neto utiliza recursos de *montagem de imagens* segundo as definições de Michèle Lagny no artigo “*O cinema como fonte de história.*” publicado em 2009. Segunda a autora os filmes documentários, são compostos

por “montagem de imagem tomadas do mundo real e assemelhadas a outras fontes familiares aos historiadores (textos, da imprensa notadamente, fotos, desenhos).” (Lagny, 2009 p.111). Neto utiliza estes recursos para mostrar ao espectador a temporalidade do problema enfrentado no passado e no presente.

Nos fotogramas 3-4-5 podemos observar a utilização destes recursos. Neto apresenta no fotograma 1 a capa do jornal “O Malho” publicada em 26 de Janeiro de 1929, desenhada pelo ilustre chargista, caricaturista, desenhista e pintor J. Carlos. Como pode notar J. Carlos na época retrata os dois personagens, um segurando uma *prancha* (nome dado ao projeto utilizado por arquitetos e engenheiros) e o outro segurando o guarda chuva; o “barco” é desenhado no formato de peixes; no fundo da imagem é notado que a casa está a baixo do nível da água; a charge é uma crítica as constantes enchentes que aconteciam na época mesmo com a “Reforma de Pereira Passos”⁵. No fotograma 4 é apresentada ao espectador, a fotografia registrada pelo Augusto Malta, fotógrafo que se destaca em meio às reformas urbanísticas efetuadas pelo prefeito Francisco Pereira Passos (1902-1906). O fotograma 5 apresentada por Neto retrata a foz do Rio Carioca atualmente, como canal de esgoto que desemboca na Baía de Guanabara.



Fonte: Carioca era um Rio

3.2 O Urbano no Carioca era um Rio

O segundo discurso a ser analisado no *Carioca era um Rio*, a respeito dos problemas urbanos, inicia a partir do discurso da entrevista de Neto com Ana Lúcia Brito, Especialista em Saneamento Básico. Ana Lúcia inicia seu discurso argumentando: “**Durante as obras de Pereira Passos teve a canalização de vários rios [...] o Carioca, por exemplo. Não só o carioca [...] vários rios que você não sabe. Você anda em Botafogo! Você vê algum rio? Não? Não vê!**” (Discurso transcrito do *Carioca era um Rio*, grifo meu).

Uma pessoa importante citada e relacionada às grandes mudanças urbanas, não apenas por Neto, mas também pelos *atores sociais*, foi Francisco Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906. Segundo o artigo escrito pelo Jornalista Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia e Marília Scarabello (2014) o Rio de Janeiro, era conhecido como “Cidade Morte” ou “Porto Sujo”. Os autores argumentam que a falta de planejamento urbano e de infra-estrutura sanitária, tornou o Rio de Janeiro foco de uma variedade de doenças como a febre amarela, difteria, tuberculose entre outras doenças. Devido à presença destes problemas, o Governo Federal e Municipal da época, resolveram reformar o Rio de Janeiro, até então capital brasileira. Coordenado por Pereira Passos prefeito e graduado em Engenharia Civil, teve como objetivo sanear e controlar a propagação de doenças, modernizar a cidade e o tráfego de automóveis, e a ligação entre as regiões. A *Reforma de Pereira Passos* foi conhecida como “bota abaixo”. A modernização efetuada pelo prefeito consistiu na demolição de casas e cortiços, em particular para frear a imigração. Os mesmos argumentam que a partir da iniciativa de modernização do prefeito, foi surgindo às primeiras favelas do Rio de Janeiro. A população trabalhadora mais pobre, expulsada das suas casas no centro, foi morar nos morros. Em nome da higiene e do embelezamento urbano, a *Reforma de Pereira Passos* significou uma grande intervenção Urbana e Social, criando um centro e uma imagem do Rio de Janeiro como uma cidade modernizada.

Os fotogramas 6-7-8-9 ilustram a respeito da *Reforma de Pereira Passos*. O fotograma 6 mostra o momento que Neto vai entrevistar a especialista em Saneamento Ana Lúcia. A partir de então, à medida que Neto entrevista Ana Lúcia o mesmo mostra ao espectador, o porquê da *Reforma de Pereira Passos* ser considerado 7 o “bota abaixo”; o prefeito aterrou e canalizou o Rio Carioca, demoliu e reformou o centro do Rio de Janeiro. No fotograma 8, é retratada a modernização do centro feita por

⁵ “Reforma de Pereira Passos” é o nome dado pela imprensa da época às reformas urbanísticas feitas na cidade do Rio de Janeiro pelo prefeito Pereira Passos no período de 1902 a 1906. Neste período o Rio de Janeiro era Capital do Brasil.

Pereira Passos. No fotograma 9, é retrata a expulsão dos trabalhadores pobres do centro e o surgimento das favelas do Rio de Janeiro. Conforme a descrição de Neto a população pobre começa a ocupar os morros, devido ser o local mais próximo do trabalho no centro da cidade.



Fonte: Carioca era um Rio

Todo este processo de urbanização mencionado no *Carioca era um Rio* se relaciona com o discurso de Ester Limonad no artigo “*Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização*” publicado em 1999, onde menciona que a urbanização pode ser discutida e compreendida como processo geral da estruturação do território e da sociedade. Segundo Limonad (1999):

Processo onde as desigualdades geográficas, econômicas, sociais etc... conjugadas à mobilidade espacial e setorial do trabalho contribuem para alterar o território, subordinadas às necessidades de reprodução geral das relações sociais e espaciais de produção e ao desenvolvimento do meio técnico-científico.(LIMONAD, 1999, p.71)

A autora ao argumentar as definições de Henri Lefebvre, a cerca do termo urbanização, Lefebvre considera a urbanização como a condensação dos processos sociais e espaciais, que permite o capitalismo se mantenha e reproduza as relações de produção para a sobrevivência do capitalismo. Conforme a autora, o espaço socialmente produzido, se atribui com as relações de produção no sentido mais amplo da palavra, produção das relações sociais e reprodução de determinadas relações. Segundo a mesma:

[...] a nível da reprodução do cotidiano, da reprodução da força de trabalho e dos meios de produção quanto a nível da reprodução das condições gerais e das relações gerais sociais de produção, onde a organização do espaço passa a desempenhar um papel fundamental. (LIMONAD, 1999 p.73)

Este discurso é retomado por Neto quando ele entrevista Lucia Maria Costa, arquiteta e professora da Escola de Belas Artes da Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que segundo o mesmo estuda o *Lugar dos Rios na Paisagem Urbana*. Lucia Maria Costa comenta na entrevista: “**A imagem da cidade do Rio de Janeiro de Pereira Passos, tava voltada a criação de uma cidade que pudesse competir internacionalmente com as outras. [...] O Rio Carioca por exemplo, que seria dentre os rios o nosso maior patrimônio ambiental. Ele é um obstáculo! Então eu resolvo o obstáculo transformando a natureza da maneira que mais me convém.**” (discurso transcrevido do *Carioca era um Rio*, Grifo Meu)

Segundo Limonad (1999) o capitalismo competitivo atribuía pouca importância ao contexto urbano. O contexto urbano mudou devido à ampliação da reprodução. Quando a economia se tornou globalizada, e quando houve o desenvolvimento do meio técnico-científico, resultou na intensificação da concentração do capital nos centros industriais, e a pressão crescente por parte do capital e da força de trabalho em infraestrutura, investimentos em melhoria da habitação, serviços, etc. A autora argumenta:

Era necessário reorganizar o espaço urbano e tornar os sistemas urbanos eficazes tanto para implementar a acumulação de capital quanto para apaziguar a inquietação social. Neste sentido, o Estado desempenhou um papel chave no (re)planejamento das cidades e em sua adequação às novas necessidades que se antepunham ao desenvolvimento do capitalismo. (LIMONAD, 1999 p.79)

Ricardo Carlos Gaspar no artigo “*A economia política da urbanização contemporânea*” publicado em 2011 argumenta que, a economia local e as configurações territoriais, sofrem implicações dos fenômenos econômicos globais, afetando especialmente os espaços urbanos. As demandas de serviços impõem requisitos ao espaço urbano, transporte, comunicação, apoio governamental, educação, saúde, suprimento de mão de obra, cultura, centros de consumo e entretenimento.

Suppia e Scarabello (2014) comentam que o prefeito Pereira Passos se inspirou em Paris para fazer as reformas urbanísticas no Rio de Janeiro, construindo praças, ampliando ruas e criando estruturas de saneamento básico. O prefeito da cidade queria dar ao Brasil características mais modernas, fugindo da visão de atraso e, de país escravocrata.

Conforme Roberto Luís Monte-Mór no artigo “*As teorias urbanas e o planejamento urbano no Brasil*” publicado em 2006, as pretensões científicas relacionadas às intervenções urbanas se iniciaram no século XIX, nas metrópoles europeias, com o desenvolvimento nas colônias e ex-colônias pelo resto do mundo. Segundo o autor o caso mais relevante que influenciou o mundo ocidental e suas colônias, é a famosa experiência do Barão Georges-Eugene Haussmann em Paris quando era administrador do Sena entre 1853 e 1869. Haussmann, “*projetou e implantou o que é considerado o primeiro plano regulador para uma metrópole moderna.*” (LUÍS, 2006 p.62) Os trabalhos de engenharia urbana desenvolvidos no início do século, a partir da Revolução de 1848 em conjunto com a força política e no interesse de Napoleão III, impôs o esquema geral de racionalidade urbanística em Paris segundo o plano Haussmann,

[...] demolindo e construindo milhares de casas, implantando infra-estrutura e parques, abrindo grandes avenidas e dando à área central da cidade o sentido majestoso e a organização administrativa em vinte *arrondissements* que perdura até hoje. (MONTE-MÓR, 2006 p.62)

O plano Haussmann, expressou forte intervenção do Estado sobre a parte central da metrópole industrial de Barcelona. O plano, de avenidas e parques segundo o mesmo não se articulava com a arquitetura da cidade barroca, rompendo assim com a compreensão urbano-arquitetônica da cidade barroca. Haussmann engloba as preocupações higienistas como a reforma e demolição de áreas e edificações degradadas em condições sanitárias, que caracterizavam a cidade moderna.

Segundo Monte-mór (2006):

[...] é nas cidades (e no campo, com articulação nas cidades) que se construíram as forças sócio-culturais, econômicas e políticas que formaram o Brasil, produziram seu espaço urbano-regional [...] Das cidades coloniais às metrópoles atuais, os referenciais teóricos foram sendo redefinidos, adaptados, recriados para explicar processos sócio-espaciais e informar projetos políticos de classes e grupos de interesse, dentro e fora do Estado. De outra parte, os “lugares fora das ideias”, nas suas diversas escalas das cidades ao espaço (incompletamente) urbanizado dos nossos dias, realimentam também os modos de ver a produção do espaço urbano e regional no Brasil e forjando assim nosso planejamento urbano e regional, na relação dialética entre as teorias advindas do capitalismo avançado e sua releitura entre nós. (MONTE-MÓR, 2006 p.61)

No livro “*Economia Política da Urbanização*” escrito por Paul Singer em 1985 descreve que, “*entre a abolição da escravatura (1888) até a Revolução de 1930 houve no Brasil importantes transformações econômicas, sociais e políticas.*” (SINGER, 1985 p.121). Segundo o autor, inicia-se um importante desenvolvimento, que substituiu parte do mercado de importações, com o surgimento do parque industrial que produzia bem de consumo não duráveis (tecidos, roupas, alimentos), sendo Rio de Janeiro e São Paulo, os principais estados deste tipo de industrialização, e uma ampla agricultura comercial voltada para o mercado interno, contemplando os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, estados de colonização alemã e italiana. Segundo o mesmo a imigração europeia no Brasil, avolumou-se pouco antes da Primeira Grande Guerra, que se integrou aos imigrantes, na cafeicultura e as novas atividades do setor de Mercado Interno. Inicia neste período o processo de urbanização com o

crescimento proporcionalmente mais rápido dos capitais que eram centros de mercados regionais, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte.

Os fotogramas 10-11-12 representam algumas das reformas feitas na cidade do Rio de Janeiro. No fotograma 10, Neto apresenta o projeto de saneamento básico *na Reforma de Pereira Passos*. O fotograma 11 é retirado de um filme antigo, em que o narrador da filmagem comenta sobre o progresso urbano feito na cidade do Rio de Janeiro “*engenharia ligada a estética urbana*” mostrando túnel Santa Bárbara que liga o bairro Catumbi ao bairro Laranjeiras; a avenida e túnel com característica grandiosa, herança da arquitetura parisiense. O fotograma 12 apresenta outras características da arquitetura parisiense, praças centrais e em torno ruas largas.



Fonte: Carioca era um Rio

3.3 Retomando o discurso sobre o saneamento no Carioca era um Rio

No *Carioca era um Rio*, Neto entrevista Paulo Canedo de Magalhães, hidrólogo e professor na UFRJ, para falar a respeito dos problemas de saneamento básico. Paulo Canedo argumenta: “*Você olha para cor do Rio Carioca [...] É meio leitoso! É um bom gancho que você pode contar várias coisas [...] pode contar a história do saneamento brasileiro. Um caos! Ele começou lá em 1700. Começou mal. Começou instituindo caixa d’água para esconder a ineficiência da empresa de saneamento do Rei [...] A coisa que mais mata no Brasil é diarreia. Câncer perde para a diarreia. Qualquer coisa que você diga perde para a diarreia. Gripe suína, dengue [...] diarreia é que mata mais! Diarreia é típica coisa de falta de saneamento.*” (discurso transcrito do *Carioca Era um Rio*, grifo meu). Relacionado o discurso da entrevista com alguns artigos é constatada a permanência do problema.

Com a definição da Organização das Nações Unidas (ONU), que definiu em 1980 metas mundiais para atendimento à população com serviços de saneamento, o abastecimento de água era de 90% e 70% para a coleta de esgotos da população urbana. Segundo os dados do IPEA (1995), analisados pelo economista Manoel Carlos Duarte de Mello Justo no artigo “*Uma análise crítica das políticas de saneamento*” publicado em 2004, em 1990, 88% das pessoas estavam ligadas a rede de distribuição de água e 39% estavam ligadas à rede de coleta de esgotos. Na década de 1990, os ideais neoliberais no Brasil, atribuiu ao Estado papel de garantir os lucros do capital financeiro. Com a falência da PLANASA, em 1995 foi organizada uma nova política de saneamento básico, chamada Política Nacional de Saneamento. Justo (2004) argumenta a respeito do documento:

As necessidades de investimento para a eliminação do déficit atual dos serviços de abastecimento de água e de coleta de esgotos sanitários são da ordem de R\$ 25 Bilhões. Considerando, além desse déficit, o crescimento da população até o ano de 2010, os recursos necessários são de aproximadamente R\$ 40 Bilhões.

Com esses números, pode-se estimar em cerca de R\$ 2,5 Bilhões a necessidade anual de investimentos, visando à eliminação do déficit dos serviços de abastecimento de água e de esgotamento sanitário, no período de 1995 a 2010. ”(MPO/SEPURB,1998:31). (JUSTO, 2004, p.3)

Com a privatização do saneamento, era para o Governo Federal permitir investimentos e universalizar o sistema. Até 1998 o Governo Federal, utilizava de meios burocráticos, para restringir acesso aos recursos disponíveis do FGTS. Após este período, com a decorrência da crise externa, suspendeu os financiamentos com recursos do FGTS aos órgãos públicos, dentre eles, os serviços e as companhias de saneamento, o autor cita:

A manutenção da estratégia do Governo Federal no sentido da restrição da contratação de empréstimos para o saneamento com recursos do FGTS torna inviável a estratégia de

universalização do saneamento no Brasil até 2010, uma vez que impede a utilização plena da maior fonte de recursos financeiros ao setor. (JUSTO, 2004, p.5)

Vettore e Lamarca (2012) argumentam que de acordo com a OMS/UNICEF (2010), no Brasil existe cerca de 13 milhões de pessoas sem acesso a banheiro no domicílio, devido este fator 217 mil trabalhadores são afastados, devido os problemas gastrointestinais relacionados à falta de saneamento. 50% das doenças contabilizadas na saúde pública estão relacionadas com a diarreia e o saneamento básico inadequado. A saúde pública tem custos elevados para tratar este tipo de enfermidade. Segundo os autores, falecem cerca de 2.101 pacientes dos 462 mil pacientes internados por infecções gastrointestinais. Com a universalização do saneamento básico, haveria a redução de 25% de internações e de 65% na mortalidade. Se o saneamento básico fosse universalizado, serviria como instrumento para reduzir e até erradicar a pobreza e a marginalização, além de reduzir as desigualdades sociais e regionais.

Neto elucida no *Carioca era um Rio* os problemas de saneamento nos fotogramas 13-14-15. No fotograma 13, Neto juntamente com seu assistente entrevista o hidrólogo Paulo Canedo. O fotograma 14 representa parte do discurso de Canedo a cerca da caixa d'água que demonstra atualmente, a continuidade da ineficiência do sistema de distribuição de água. O fotograma 15 mostra a identificação do Rio Carioca que é tratado no documentário como canal de esgoto, o problema mencionado por Canedo é o despejo de esgoto e a falta de tratamento de esgoto destas águas.



Fonte: *Carioca era um Rio*

Outros relatos importantes e apresentados no *Carioca era um Rio*, são os relatos dos moradores das favelas, por exemplo, o senhor Jaci, que vivencia diariamente os problemas de saneamento básico. Neto retrata este problema contemporâneo, mostrando ao público que os pobres continuam a margem dos problemas sociais e descaso político. O fotograma 16 representa o discurso do morador Jaci, representante da comunidade dos Guararapes. O morador argumenta que covardemente o esgoto é jogado no Rio Carioca, que segundo ele é algo que o governo poderia cuidar.



Fonte: *Carioca era um Rio*

3.4 O meio ambiente e a saúde no *Carioca era um Rio*

O terceiro discurso a ser analisado no *Carioca era um Rio*, é a segunda entrevista de Neto com Ana Lúcia Brito, a mesma argumenta: “O período todo desde o início de Pereira Passos passando por década de 20 de 30 enfim, até os anos 70 [...] **começa a repensar estas questões nos anos 80.**” (discurso transcrevido do *Carioca era um Rio*, grifo meu) A entrevistada faz menção aos problemas ambientais relacionados ao descaso com os rios e a preocupação tanto política quanto acadêmica com o assunto tardia.

Suppia e Scarabello (2014) argumentam que enquanto o prefeito Pereira Passos realizava obras de urbanização, a higienização ficou nas mãos do médico Oswaldo Cruz, diretor do Serviço de Saúde Pública

na época. O historiador Carlos Machado de Freitas no artigo “*Problemas ambientais, saúde coletiva e ciência sociais*” publicado em 2003 argumenta que no Brasil a preocupação com os problemas ambientais, pode ser situada desde o início do século 20 através do trabalho pioneiro de Oswaldo Cruz e dos Sanitaristas que o seguiram. O autor argumenta:

Embora mais voltados para a problemática na Fundação Oswaldo Cruz, [...] estudos sobre a interface entre problemas ambientais e saúde, sendo estes: o biomédico, com origens na parasitologia clássica; o da relação saneamento-ambiente, com origens no saneamento clássico; o da medicina social, que tem suas origens nos anos 70 é a referência para a saúde coletiva. (FREITAS, 2003, p.140)

A partir da década de 70 com influência da Conferência de Estocolmo (1972), com o agravamento dos problemas ambientais causados pelo crescimento industrial brasileiro, e principalmente nos anos 90 com a Conferência do Rio em 1992 e a publicação da Agenda 21, a incorporação da temática ambiental começou a ser ampla e efetiva da temática ambiental da saúde coletiva.

O historiador Milton Teixeira Silva, entrevistado por Neto explica um pouco deste problema no *Carioca era um Rio*, quando Neto pergunta se ouviu algum governante preocupado com os problemas ambientais. Milton Teixeira argumenta: **“De governantes quando da Rio-92. Eles vão desviar a foz do Rio Carioca [...] que empestava a ambiente e vão fazer está foz desembocar próximo do morro da Viúva que era mais escondidinho. Não sei se isto é uma tentativa de preservação, ou uma tentativa de maquiagem para a Rio 92. Depois que se colocou nesta foz uma estação de tratamento para que a água do Carioca chegasse um pouquinho melhor a Baía de Guanabara.”** (discurso transcrito do *Carioca era um Rio*, grifo meu)

O fotograma 17 representa a entrevista com o historiador Milton Teixeira. Os fotogramas 18-19, representam a retratação do discurso do historiador, simultaneamente com a imagética apresentada por Neto. O fotograma 18 representa o desvio feito da foz do Rio Carioca e o fotograma 19 representa a estação de tratamento de água.



Fonte: *Carioca era um Rio*

Conforme o artigo “*Por uma Sociologia dos conflitos ambientais no Brasil.*” escrito por Ângela Alonso e Valeriano Costa publicado em 2002⁶, a partir da metade dos anos 80, que a ciências sócias adquire interesse sistêmico a questões ambientais. Segundo os autores:

[...] essa literatura ganha forma, lentamente, mais pela adesão individual de especialistas das mais diversas áreas das ciências naturais e humanas -filósofos, geógrafos, demógrafos, biólogos, dentre outros- do que por uma expansão planejada de programas e cursos específicos. (ALONSO e COSTA, 2002, p.117)

Os mesmos argumentam que este interesse teve grande influência, pelos cientistas sócias brasileiros terem participações de ONGs, que se mobilizavam com à causa ambientalista. Após a Rio-92, a visibilidade do tema na opinião pública e nos meios de comunicação, também ajudou na mudança de foco. Os autores argumentam que o estudo ambiental no Brasil é dividido, em duas perspectivas:

De um lado, temos uma literatura politicamente engajada, que critica fortemente o modelo de desenvolvimento capitalista e o estilo de vida a ele associado, propondo amplas reformas econômicas e mesmo de hábitos e práticas sociais profundamente arraigadas. De outro, assistimos à emergência de uma “proto-área” de estudos ambientais dentro das ciências

⁶ Artigo “Por uma Sociologia dos conflitos ambientais no Brasil” publicado na revista *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales* em 2002.

sociais. Essa divisão é perceptível também quando enfocamos os temas abordados pelas duas grandes linhas de estudo: a primeira trabalha principalmente com a perspectiva do desenvolvimento sustentável, da gestão ambiental assim como das políticas públicas; a segunda parece mais interessada em explicar a formação e as estratégias de ação do movimento ambientalista, além de se preocupar com o surgimento de diferentes percepções do meio ambiente e, mais recentemente, com a emergência dos conflitos ambientais. (ALONSO e COSTA, 2002, p.118)

Floresce então no país adesão aos valores ambientalistas, espalhando uma consciência ambiental no espaço brasileiro. Valores relacionados a prol de ideias do *desenvolvimento sustentável* e o *discurso verde*, em dimensões culturais.

No artigo “A sociologia (da saúde) na formação dos profissionais de enfermagem” escrito por Maria de Fátima Santos de Araújo (2007)⁷, a autora argumenta que nos anos de 1970 no Brasil, o tema saúde entra no campo dos estudos sociológicos, considerado importante para educação médica, pois poderiam ser aplicados no entendimento sobre processo de saúde-doença resultantes do processo social e contribuindo para a formação dos profissionais de saúde, mesmo havendo controvérsias relacionadas a aceitação da mesma. Até então a educação médica adotava um modelo de formação dos médicos e demais profissionais de saúde baseado nas especializações; métodos tecnicistas; modelos biomédicos de saúde. Conforme Araújo (2007):

[...] o corpo humano é visto como uma máquina formada por peças que se pode analisar e interferir através do saber e técnicas racionais, a doença é vista como um mau funcionamento dos mecanismos biológicos, cujo causador é um agente específico, uniausal; o “paciente” é visto como um ser passivo, com um “corpo doente” que é tratado de forma separada, tanto da mente, como das condições sociais e ambientais que o envolvem. (ARAÚJO, 2007, p.3)

A mudança deste paradigma mudou com a Resolução CNE/CES No3 /2001 no artigo 5º,

[...] o profissional deverá “atuar compreendendo a natureza humana em suas dimensões, em suas expressões e fases evolutivas”, também “estabelecer novas relações com o contexto social, reconhecendo a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões. Ainda deverá compreender a política de saúde no contexto das políticas sociais, reconhecendo os perfis epidemiológicos das populações” e “reconhecer a saúde como direito e condições dignas de vida e atuar de forma a garantir a integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso todos os níveis de complexidade do sistema. (ARAÚJO, 2007, p.3)

A partir de então, os conhecimentos sociológicos ganham ainda mais importância para a formação da imaginação sociológica dos profissionais de saúde. O SUS (Sistema Único de Saúde) ao implantar um modelo de saúde coletiva segundo os autores requer profissionais com formações centradas na humanização, onde o paciente não é visto como máquina, mas como ser pensante e ativo no sentido de poder agir a promover a sua própria cura, ou seja, o chamado “*conceito ampliado de saúde*” que juntamente com o Programa Saúde da Família, por exemplo, pode promover princípios de prevenção, promoção, humanização, etc. evitando o estado de morbidez do usuário do SUS.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o foco principal ser o Rio Carioca e a cidade do Rio de Janeiro, o *Carioca era um Rio* de Neto também traz à tona fortes críticas a assuntos que atormentam outras grandes capitais brasileiras, que também tiveram seus rios esquecidos, “latrinizados” e mortos pela justificativa do “progresso urbano”. O *Carioca era um Rio* também alerta para a ineficiência do saneamento básico brasileiro e a falta da preocupação, por uma parte das autoridades políticas e empresas de tratamento e saneamento, em solucionar assuntos que envolvem o abastecimento e a utilização dos rios. Mesmo que o saneamento básico brasileiro tenha passado por várias mudanças nas últimas décadas, problemas recentes como a tragédia do Rio Doce em 2015, caem na mesma reflexão do *Carioca era um Rio*, problemas ambientais e

⁷ Artigo “A sociologia (da saúde) na formação dos profissionais de enfermagem”, trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais apresentado na Universidade Federal do Paraíba em 2007.

sociais em que pobres e ribeirinhos continuam sendo as maiores vítimas, os mais vulneráveis aos problemas e ao descaso.

Os filmes documentários do *tipo expositivo* com a temática semelhante ao *Carioca era um Rio*, contribuem como suporte na produção científica em pesquisas relacionados à Sociologia do Meio Ambiente e a Sociologia da Saúde. Pois, conforme pesquisado no artigo, as pesquisas relacionados à Sociologia da Saúde e a Sociologia do Meio Ambiente, ainda são recentes e possuem carências.

O filme documentário tem como função oferecer ao espectador, através das imagens apresentadas novos pontos de vista de um assunto específico. A partir do *Carioca era um Rio*, o espectador pode elucidar reflexões, mais críticas através da realidade social apresentada. Levando em conta está reflexão, podemos citar o conselho do educador Paulo Freire “*É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.*” (FREIRE, 1999, p.44) O *Carioca era um Rio* permite pensar as relações entre as sociedades humanas e seu meio natural.

Portanto pode-se concluir que é fundamental a importância do filme documentário como suporte de pesquisa e discursão, seja ela acadêmica, política ou social, especialmente por possibilitar discutir, a natureza de diversos problemas.

REFERÊNCIAS:

ALONSO, Â. & COSTA, V. **Por uma sociologia dos conflitos ambientais no Brasil**. In: Ecología política. Naturaleza, sociedad y utopía. Héctor Alimonda. Clacso, (2002a).

ARAÚJO, M. F. S.; Gonçalves, Antônio Giovanni Boaes; Perrusi, Artur Fragosos de Albuquerque. **A sociologia (da saúde) na formação dos profissionais de enfermagem**, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, Carlos Machado de. **Problemas ambientais, saúde coletiva e ciências sociais**. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso) JCR, Rio de Janeiro, v. 8, n.1, p. 137-150, 2003.

GASPAR, Ricardo Carlos. **A economia política da urbanização contemporânea**. Cad. Metrop., São Paulo, v.13, n. 25, p. 235-256, 2011

JUSTO, M. C. D. M. **Uma análise crítica das políticas de saneamento**. In: 34° Assembleia Nacional da ASSEMAE, 2004, Caxias do Sul. Anais da 34° Assembleia Nacional da ASSEMAE, 2004.

LAGNY, Michèle. **O cinema como fonte histórica**. Cinematógrafo: um olhar sobre a história, Salvador, São Paulo: Ed. Da UNESP, p.99-132, 2009.

LAMARCA, G. A.; VETTORE, M. V. **Censo 2010: Uma leitura dos resultados sobre saneamento básico**. 2012 Disponível em <http://dssbr.org/site/2012/01/censo-2010-uma-leitura-dos-resultados-sobre-saneamento-basico/> .Acesso em 17 de maio de 2016

LIMONAD, Ester. **Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização**. GEOgraphia, Ano 1, Nº1, 1999.

MONTE-MÓR, R. L. **As teorias urbanas e o planejamento urbano no Brasil**. In: DINIZ & CROCCO (eds.), Economia Regional e Urbana: contribuições teóricas recentes (pp. 61-85). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MORETTIN, E.V. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro**. História: Questões & Debates, Curitiba, n 38, p. 11-42, Editora UFPR, 2003.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário** – tradução Mônica Saddy Martins – Campinas,SP: Papiрус 2005.

SILVA, João Nunes da; ALVES, Anderson de Souza. **Ator social e Personagens e suas Implicações no Documentário**. Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares na Comunicação, 2011.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. 10ª edição. Editora Brasiliense, 1985.

SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira; SCARABELLO, Marília. **As reformas do Rio de Janeiro no início do século XX - Cidade é transformada para responder aos apelos do mundo que se moderniza**. Revista Pré-univesp, 2014. Disponível em: <http://pre.univesp.br/as-reformas-do-rio-de-janeiro-no-inicio-do-seculo-xx>. Acesso em 08 de junho de 2016

Filmografia

CARIOCA era um rio. Direção: Simplício Neto. Rio de Janeiro Jurubeba Produções Artísticas LTDA, 2012. Documentário, 72 min, Cor e P&B/Color and B&W digital.